



# NOIVA

POEMA PERFORMÁTICO

Renato Rezende

*azougue editorial*  
2008







*a Gurumayi,  
com o coração enfim aberto*





projeto gráfico  
**Renato Rezende e Sergio Cohn**

capa  
**Renato Rezende e Sergio Cohn**  
sobre foto do autor por **Zaida Siqueira**

Revisão  
**Beatriz Bastos**

CIP - BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RIO DE JANEIRO.

[ 2008 ]  
Beco do Azougue Editorial Ltda.  
Av. Jardim Botânico, 674 sala 605  
CEP 22461-000  
Tel/fax 55\_21\_2259-7712

**www.azougue.com.br**  
AZOUGUE - MAIS QUE UMA EDITORA, UM PACTO COM A CULTURA





[ODIA]

7

[ABELHAS]

9

[BEIJA-FLOR]

11

[CHAMAS]

13

[TROLL]

15

[AZUL]

17

[OCEANO]

21

[FLORES]

23

[IRISAR]

25

[ESTILHAÇOS]

29

[ENSAIOS]

33

[SANTO]

37





[FURNITURE]

39

[RAPINA]

43

[O OUTRO]

47

[OSSOS]

49

[EQUILIBRISTA]

51

[FILTROS]

53

[BÚSSOLA]

55

[ABGRUND]

59

[RE-NATO]

63

[TENTO-CAROLINA]

67

[PESSOA]

71

[HOSANA]

75



[O DIA]

Somos todos iguais, é preciso ter compaixão pelas limitações dos outros e pelas minhas também. Preciso de mais compaixão por mim mesmo. Vou deixar rolar o que está acontecendo. Por que essa agonia? Está tudo bem. Sim, existe um grande esforço interno para chegar ao ponto de encontro entre o Ser e o não-Ser, e me sinto confuso. Tentar colocar o mínimo de estresse possível nesse esforço, nessa confusão.

Eu, que sempre levanto tarde, acordei mais cedo (é sempre bom ver as pessoas na rua, saindo de casa, começando o **dia**, no frescor da manhã, isso deve acontecer todos os dias, enquanto eu durmo) para buscar um cheque derradeiro. Depois pensei em dar uma volta na cidade, no bairro, visitar uma exposição... mas voltei para casa. Já não sou o *flanêur* que era. Já não vejo sentido em caminhar a esmo. Já não quero ver mais nada. Mas tampouco logro ficar parado dentro de mim mesmo.

*Tranqüila! No centro de sua maravilha.*

Ontem à noite, antes de dormir, senti nitidamente a pulsação, o limite entre o êxtase e um esvaziamento depressivo—era uma questão de um pequeno esforço para fixar-me no êxtase. Mas ambos não pareciam *estar em mim*.

*Se é para morrer, melhor morrer logo.*

Começo a trabalhar sem ânimo numa pequena tradução—sinto-me encurralado, pressionado, com tudo atrasado. Mesmo com quase nada para fazer.

Não quero fazer nada.



*Dai-me um corpo, uma voz, uma função.*

O que fazer com meu desejo? Onde está o meu desejo? Eu que não soube escolher entre ser homem ou mulher. De tanto não saber o que fazer com o desejo, perdi-o de vista.

Mais uma vez, deixo o trabalho e deito-me na cama, no meio do dia.

Felicidade. Angústia.

*Fique tranqüila/No centro de sua maravilha.*





[ABELHAS]

*Ele pensa que existe, mas no fundo, quem existe sou apenas eu. Sem saber quem é, ele rodopia sem parar pelo mundo. Como uma borboleta, como um beija-flor, sem núcleo, sem centro, vazio-oco. Na caverna dele estou eu, mas ele não me vê, escondida que estou em luz. Por isso ele gira estonteante, amando tudo o que sente, o que vê, o que toca. Eu o fiz para isso mesmo. Para ele me amar. Um dia eu me revelo e ele me descobre.*

*Ele é apenas uma sombra, no fundo, seu medo tem fundamento. Intui que não existe, sabe que vai morrer. Quem existe sou eu: não mais a Morte, mas a Bem-Aventura.*

A pessoa viva deseja. A morta ama.

Eu sou sempre-viva porque todos os dias me despedaço por ele. Todos os dias bebo meu próprio sangue por ele. Você se sacrificaria por mim?

*Mais cedo ou mais tarde, tem um dia em que o teto cai, a gente rola para dentro do próprio ralo. Minha amiga: eu fico aqui, de boca aberta, esperando, torcendo. Você terá coragem de passar por esse ralo? Você vem jorrar em minha boca?*

Eu não escrevo poemas; eu sou um poema. Eu escrevo pessoas. Por exemplo, agora, estou escrevendo você.

Enquanto você se transforma em palavras, eu te transformo em pessoa. Sei que é difícil de entender, mas é assim mesmo. Você é como um molde de cera, um equilíbrio de passagem. Assim que esvaziar-se toda em palavra e seu frágil molde derreter pelo meu fogo, vai perceber surpresa que em seu lugar você agora é: ouro. Vida nova.



Vida viva. Ouro aéreo: luz: o universo iluminado. Vai se sentir virada do avesso. Grata: esse trabalho quem faz sou eu.

Mas é preciso que você queira. É preciso que você me deseje obsce-  
namente. Venha, minha amiga, sejamos cachorras.

Não se assuste. Minha função é pôr a mão na sua caixa de marimbondos. Libertar suas abelhas vermelhas, ferozes. Você multiplicada, dividida, em milhões de abelhas douradas pelo espaço aberto. Você suportará seu próprio zumbir?

Eu posso perfeitamente mastigar **abelhas** vivas. Quer ver?



[BEIJA-FLOR]

*Ele viu um **beija-flor** todo enroscado numa teia de aranha. O beija-flor estava praticamente mumificado e, se ainda vivia, não seria por muito tempo. Ele ficou um tempão observando aquilo, surpreso, sem entender como um pássaro podia ficar preso em algo tão frágil quanto uma teia de aranha. Ele achava que isso só acontecia com insetos. Como é que o beija-flor, que era muito mais forte, não havia simplesmente rompido a teia? Então lhe ocorreu que a gente pode se enroscar na própria fragilidade, até chegar ao ponto de perder as forças. Por algum motivo o beija-flor se enroscou, e se debateu em vez de apenas ir embora, entrou em pânico, perdeu o caminho, exauriu-se. E aí foi fácil para a aranha tecer mais e mais teia em volta dele.*

Estou carregando um cadáver.

É preciso vencer de uma vez por todas essa zona magnética de dor que me evita chegar em mim mesmo.

Apesar de ainda manter fortes resquícios de um véu doloroso e sentimentos de confusão e incerteza, sinto que estou reagindo bem e vencendo o caos sem deixar que ele se expanda.

Invoquei a Deusa—a deusa é uma realidade. Senti-me a deusa. É preciso fazer todos os esforços para manter a experiência do amor divino, a chama acesa dentro do corpo brilhando alto. Invoquei Durga, e vi seu pé gigantesco, seu dedão do pé direito gigantesco, seu corpo que subia até os céus e seu rosto que era o rosto de Deus.

Disse à deusa: corte minha cabeça. E me inclinei.



*Não se enrosque na fragilidade.*

Homens ou mulheres; somos todos mulheres.

Corte minha cabeça  
e beba meu sangue.

*Eu não sou eu; eu sou uma coisa muito diferente de mim mesmo.*

*Não. Somos todos iguais, sim. Em cada um de nós existe a luz e a escuridão. Eu preciso tomar posse de todo meu território. E direcionar minha vida. Pois o direcionamento acontece no tempo, e o tempo é a dimensão humana. O que eu vou fazer com esta vida que me foi dada, assim, de repente? Estou nervosa. Muito nervosa. Vou sangrar. Rôo unhas. Tenho unhas. Vou sair andando como se fosse de fato uma pessoa, e vou fazer coisas que uma pessoa faz. Vou gastar meu tempo escrevendo.*

*Dianóia*

Posso ser enquanto falo?



[CHAMAS]

*Por que você não começa com os elefantes? Adoro elefantes.*

*Vi certa vez um documentário sobre um lugarejo da Índia no qual eles têm rolos de pergaminhos com a história de todo mundo que já viveu e que viverá na terra. Foi um sábio que escreveu há não sei quantos anos. O cara do documentário foi lá só para checar, todo cético, é claro. Então entrou num lugar que parecia uma lojinha do fim do mundo. O sujeito perguntou o nome dele e disse: Espere um momento. Depois voltou com um rolo... que tinha o nome dele e a história de sua vida até a morte!*

será que existe?

[será que nós existimos?]

será que esse lugar existe mesmo?

*Sabia que se come mais açúcar no dia de Diwali na Índia do que no resto do mundo o ano todo? E aqueles enormes brigadeirões que eles enfiam na boca dos elefantes?*

*Ladhus.*

Pura doçura

Amor em toneladas!

Tudo o que passa e sempre passou pelos meus olhos foram imagens de festa.

Tudo o que passa e sempre passou pelos meus ouvidos foram sons de festa.



(De paz?)

*E de dor, de melancolia, de horror, de desespero,  
especialmente de desespero?*

*Dance com a dor*

Um tango, uma valsa

*Gire*

Tudo pelos meus olhos, festa.

Tudo pelos meus ouvidos, festa.

Festa, frenesi, júbilo, dança de dervixes.

VIDA

Fogo riscado na escuridão.

Elefantes em **chamas**.

O castelo em chamas.

Bibliotecas em chamas.

Todos os peixes. O oceano em chamas

O fogo do Amor:

*O que não é Amor é contra o amor.*



[TROLL]

Da importância de não se ter amigos

O saber é uma superstição,  
um vício.

Quando me perco em pensamentos, me perco na *linguagem*.  
A linguagem se tornando a grande inimiga. Quero esquecer.

Mas como *eu* me coloco? Não sei, às vezes na beira do precipício, às vezes no próprio precipício, e às vezes sustentado por um amor *divino*.

*O amor sustenta o artista.*

Vou ficar quieto, não quero falar mais nada. Não há nada para ser dito. Mania de conversar com os outros. Vou manter silêncio. Também, não vou pensar nada. Não vou pensar mais.

Grau Zero.

Pego meu chapéu e saio da minha mente.

Vou carregar a cabeça nos braços, como um **Troll**.

A língua destrói constantemente

[a possibilidade de se dizer]

*Oh, é apenas minha mente, pensando de novo.*

O que acontece na vida não importa.



Totalmente presente e totalmente ausente ao mesmo tempo.

*Eu me transformei num monstro, aparentemente num monstro. Numa mão, solta, no alto, eu levo o meu rosto, como se fosse uma máscara, um balão. Essa própria mão, e o braço, estão deslocados e descolados do tronco, o corpo todo desengonçado e solto. O que parece unir todas as partes é uma estranha luminosidade: e isso é muito mais eu do que o eu concentrado, preso no corpo.*

Como se estivesse preste a arrancar fora o corpo e a vida como se fossem uma mera camisa.

Solto

Não tenho interesse  
em minhas próprias opiniões

*Já não acredito  
em que eu penso—*

*sou o que penso*

*eu era pensamento  
mas não sou*

*mais*

Nada é onde há palavra

*Máscaras*





[AZUL]

*Sou uma coisa morta.*

*Não há nada que eu possa perder agora  
que já não tenha perdido antes.*

Agora que eu morri posso dizer que sempre tive mesmo a saúde frágil.

Agora que morri posso assumir que sempre fui uma mulher.

Agora que morri posso simplesmente amar.

Viver ficou muito mais fácil agora. Eu deveria ter morrido antes.

Eu amo

Eu amo

Estonteantemente

NOIVA

Aparado, lavado, vestido, perfumado,  
o corpo é imaginário

Desista de ser: seja

Nós damos o que não temos

*(Conversa longa com uma moça. Mora longe, vem de balsa. Seu corpo*

*mexe, sua boca mexe, seus lindos olhos negros mexem. Entusiasmada, me falava sobre a necessidade do escritor escrever para o seu tempo; eu, olhos perdidos, sem conseguir fazer a conexão, mal a ouvia.)*

Atravessei o túnel a pé—o clarão e o azul do mar ao fundo, adiante.

Eu vivo de milagres

Eu nunca fiz nada.

A vida de qualquer um é muita, é o suficiente. A vida.

Para quem escrevo?

Importa quem fala? Precisamos sempre saber?

“Escreva!”

Seja atraído para o que ama, como um inseto para uma lâmpada.  
Quebre a coluna.

Um ponto de luz que se abriu

**Azul**

Dedicar-me completamente ao outro

Porque o outro sou eu.

*Encandilar*

Quero ser mastigada:

Oh, Deus.



*Ponha-me sobre o Tempo*

*Sempre quis uma vida maior do que a que cabia em mim.*

Oh, Deus.

*Quero seu pé no meu peito.*

(O interesse pelo mundo  
é proporcional ao interesse  
pelo corpo)

O buraco é sempre mais embaixo

E agora caio

O que fazer com esse corpo?

[UM CORPO DE LUZ]





[OCEANO]

*Círculos de luz opaca, em vibrações, como se saíssem de mim, da região entre os olhos: a sensação de levantar-me dentro de mim mesmo, e ascender, ao ver um objeto caindo, caindo, caindo sem fim e se espatifando junto a uma grande encosta murada, uma muralha que parecia erguer-se indefinidamente, e de repente, eu vendo, lá de cima, o infinito vale muito embaixo, onde corre o rio que era eu o objeto espatifado.*

—Então me mata?

[Ela está pedindo para você matá-la]

*Não Posso.*

—Então me carrega no colo, em silêncio.

Sou uma pepita de ouro no seu ventre.

No fim de todos os caminhos, de todos os atalhos, de todas as vielas, de todos os declives, de todos os abismos, de todas as picadas e veredas está o mar.

*O oceano iluminado.*

*Sonhei com você. A gente estava num bar do aeroporto, se despedindo, você ia viajar para algum lugar e usava umas roupas meio estranhas, tipo assim, roupas de peregrino. Aí você me disse que quando voltasse ia se casar com alguém do seu passado, você disse: “essa pessoa sempre esteve lá, acho que no fundo sempre soube que era ela”.*



Uma voz agora:  
Que me diga que eu existo, que eu estou vivo.

*O sentimento de desamparo, no tudo estar de pernas para o ar, é facilmente sanado pelo Amor. Não o que vem de fora, mas o Amor que vem de dentro: substituir essa sensação por Amor: e tudo volta ao seu lugar, sobre esta terra, ao rés do chão: tudo volta a ter sentido.*

Ser como um cão farejador de Amor.

*Eu não quero ir a lugar algum.*

*—se for preciso, cavo.*

Escorrer a vida e gozar de suas dádivas, sem cobiçar nada.

O Amor transforma o Tempo num **oceano**.

Cruzam monstros marinhos, disformes, horrorosos,  
escuros  
e eu os amo

*a todos*

Lá vou eu  
choramingando de ternura pelos cantos.

*Sou muito grata por existir.*

Tudo é a Verdade.

Sou  
partícula de fogo que retorna ao Sol

*Esse corpo nunca mais.*



[FLORES]

Só nos libertamos à medida que não somos esmagados.

Desde que morri, não tenho vontade de fazer nada.

Que eu saiba, não há nenhum caso na família.

Não tenho que ser: Sou.

Fui longe demais para voltar.

Se você espera, você espera para sempre.

É preciso estar presente, mas não apegado.

É preciso que a linguagem não agarre.

*Vou repetindo: espaço, espaço chamado sala, espaço chamado quarto, objeto no espaço chamado cama, objeto no espaço chamado cortina, objeto sobre objeto no espaço chamado livro, livro sobre mesa que esta mão (minha) levanta...*

Há em mim uma zona de cegueira, de cansaço, de descaso.

minha mão—minha—meu, mão

eu sou eu mesmo sem minha mão?

Deve ser muito doido ser gente.

Tem gente que demora muito para nascer.



Já é hora de me tornar quem realmente sou.

*Dei de dormir com a luz acesa.*

*Assim, enquanto durmo, minha mente parece acesa.*

*É minha a luz acesa.*

Desconfio que seja.

Eu sou você?

Preencher completamente a minha forma—viver ao máximo.

Melhor perder todos os medos.

A poesia está além do dia.

O homem não nasce, passa a vida nascendo.

Há **flores** que desabrocham no outono, no inverno.

Palavras dão corpo.





[IRISAR]

*É como se o chão tivesse se aberto sob os meus pés, como se estivesse tudo no ar, tudo sem sentido, sem nexo—o que me faz sentir-me desconstruído, confuso. No entanto, quando olho à volta, vejo que está tudo aí, no lugar, como sempre estive, e nada está sendo ameaçado, tudo dentro da normalidade. Para tentar escapar desse sentimento de desconforto, às vezes me entusiasmo por uma ou outra coisa, mas nenhum desses ânimos se sustenta, e eu logo caio novamente no vazio. Da mesma forma, tenho as reações mais chãs, na tentativa de reconhecer-me. Percebo, no entanto, que essas identidades já não estão funcionando mais para mim, já não me reconheço nelas. O desafio é aprender a ocupar todo o espaço que se abriu dentro de mim, a me ver desde um outro ponto de vista, a ganhar uma nova identidade. Não sou mais homem nem poeta, sou Deus, com todos os seus atributos. Mas como se faz isso? Coragem—*

Vi um templo belíssimo, com um longo jardim e passarela (um homem ou uma serpente ao lado, sentado), tudo muito limpo e sublime (os homens podem/ poderiam transformar o mundo inteiro em locais sagrados), e, lá no fundo, no santuário, a Deusa, a DEUSA VIVA, dançando, dançando freneticamente em meio a um fogo de horror e gozo—a Deusa dançando em gozo, e ali era a própria morada iluminada do Tempo crepitando.

*Constante crepitar*

*Areia que se desloca*

A Deusa parece dançar com mais vigor agora, a experiência do tempo parece intensificar-se: aproxima-se o momento do GRANDE GOZO.

Meu caro, isso é possível, eu conheço alguém assim. Alguém sem o peso da memória, alguém totalmente explodido no momento.

É isso, não sei explicar. Fui morrendo, morrendo.

Há anos que venho morrendo.

Há anos caminho nesse deserto.

Cada vez mais deserto. Cada vez mais claro e luminoso.

Areia e céu se fundem.

Não está na hora de chegar?

Não é aqui a chegada?

Disse luminoso? E essas sombras

que vivem em mim  
e toda essa umidade  
empoçada em mim?

Por que eu sou tão habitado pela morte?  
Por que meu corpo parece dissolver-se?

A vida é o aceno da morte.

É pela vida que a morte se revela.

*Irisar*

É um saco esse negócio de 'minha vida'  
Esse troço de ter uma vida.

Quando começarei a desmontar o circo?

Tem gente que habita o corpo.  
Tem gente que é o corpo.

Nenhum prazer vale nada—só o Amor é precioso.

O Amor é  
Amor

Luminoso, sim. Luminoso e seco, o deserto.

Nuvens:

Essa umidade toda mais parece uma mulher.

Acho que sou uma mulher. Há mulher demais em mim.

*essas mulheres agora deram  
para gostar de apanhar  
de cinta com nó  
nas nádegas  
de deixar vermelhão,  
de escorrer sangue*

*escorrer sangue. essa mulher de quatro  
essa mulher amarrada*

*Desejo ser castrada, circuncisada, mutilada.  
Essa mulher de burka.*

Não há nada mais belo que uma moça gargalhando.



E essa de cócoras, nua, irreverente, inocente, cândida, essa fenda  
essa entrada no corpo.

E essa entrada, sou eu ou sou o outro?

Estou prenhe de morte.

Como, no entanto, ainda vivo?

Como, no entanto, ainda amo?

Estou cansada da morte.

Estou com medo da morte.

E essas luzes douradas, o que são?

Esta vida estabanada. Como se vive?

Como se vive a vida de um homem? Como

Se morre?

A questão é que nunca me sei suficientemente morto.

Esta é a vida que pedi a Deus.



[ESTILHAÇOS]

*[estar: dois ou mais  
locais ao mesmo tempo.]*

Já sei o que vou fazer. Nada.  
E quando o dinheiro acabar? Nada.

Do chão ninguém passa.

Eu não tenho compromisso com o real.

De vez em quando rompe-se um espelho.

Ainda não suporto  
*a força desse gozo.*

Vou-me embora para Pasárgada? Que nada  
Vou ficar aqui mesmo  
Aqui  
sou amigo dos meus inimigos, rei dos mosquitos.

Quanto mais belo, mais verdadeiro  
Quanto mais verdadeiro, mais pleno

Tudo que é dito é desmentido.  
Tudo o que é, também não é.

Estamos todos aqui de forma oblíqua—**estilhaços**.



Quando virarei do avesso?

A arte de estar onde se está

Ser é estar

*esse habitar, esse ser quem é dentro de si*

Penso, logo *penso* que existo.

*só as ações são sólidas*

o importante não é estar aqui ou ali  
estar com este ou aquela

pq a pressa em morrer?  
logo logo estará morto

a vida nunca é a vida  
viver nunca é viver

Toda cultura inventa um corpo

Quer chá? Não quer chá.

Viver é sempre um construir



Uma coisa de barro é mais humana que uma de plástico?

Por quê?

Há palavras sagradas?

Há uma força maior? Algo que nos atravessa?





*Ser Renato como poderia ser qualquer pessoa. O Renato tem seu destino. Ser Renato sendo o que observa o Renato, sendo o que assiste, estupefato, divertido, o filme do desenvolver da vida do Renato. Ser Renato não sendo o Renato, e sim aquele que assiste. Ser aquele que testemunha a vida do Renato sendo o Renato. Ser o que assiste—ser o observador—a vida do Renato interferindo na vida do Renato através do Amor. Ser o que assiste amando. O ponto de encontro entre o Renato sendo e o que o assiste enquanto: é o Amor.*





[ENSAIOS]

*Saberei renascer em vida?*

De vez em quando paro de escrever, com vontade de morrer.

Várias vezes ao dia me deito na cama e durmo um pouco.

*Ensaaios.*

Vou perder o medo de ficar louco.

Começar a ser o que eu sou.

*Quanto a mim, continuo com essa idéia de que não tenho (nem quero ter) outra alternativa além de ser exatamente o que eu sou. Isto*

Será um fracasso absoluto; mas não importa, essa é minha vida.

*Eu nunca fui eu; eu sempre fui essa força dentro de mim.*

Eu poderia ser facilmente qualquer pessoa.

*Por acaso eu sou eu.*

Eu:

Quando um prato quebra, eu digo, um prato a menos.  
E sinto uma felicidade sincera, um júbilo.

Quando morre alguém, não me comovo.  
Um dia serei eu, e pronto.

Para mim, a verdadeira vida sempre foi *outra*.

Ela cortou a ponta da minha cabeça. Me misturei ao céu.

Avisto o ponto de paz no qual a morte e o tempo já não existem como realidades limitantes.

Um homem que chegou cedo demais ao seu próprio enterro. Espero pacientemente sentado numa cadeira. Quando as pessoas enfim chegam, deito-me no caixão. Aí começam os ritos.

É preciso afirmar: Eu sou. Eu existo.

AMA ET FAC UT VIS

*Tenho sido meticulosamente destruído.*

Era uma casa abandonada, sem telhado

e as vacas

a haviam invadido  
(e lambiam as paredes de barro):

era eu  
quando por fim  
me viraram  
do avesso.

*Meu Deus, muito obrigado por ajudar-me a ser quem eu sou. Ajudai-me a ser quem eu sou. Ajudai-me a ser quem seu sou. Ajudai-me, Senhor, ajudai-me a ser quem seu sou. Oh, Senhor, ajudai-me a ser quem seu sou. Oh, meu belo Senhor, eu quero ser quem eu sou. Oh, Senhor, eu serei quem eu sou. É preciso que eu seja quem eu sou. Oh, Senhor, que eu seja quem eu sou.*



Tem uma hora em que você abandona todo mundo e sai sozinho.

Eu vivo minha vida como se eu não existisse.

A pessoa sempre vai se sentir bem ou mal, ou uma coisa ou outra,  
mas eu não sou ela.

Não me importo com o que possa vir a acontecer.

Eu só sossegarei com o silêncio.

Estes têm sido os melhores e piores anos da minha vida.

Sei que não tenho um emprego, mas eu não vivo nessa realidade.

Eu não faço a menor idéia do que um poeta seja.





[SANTO]

—é essa a humanidade que pulsa *agora*.

Numa livraria, ler poemas para uma moça jovem: Pessoa, Maiakóvski e Rumi—a juventude é esse querer aberto.

Buscar a menina na escola; o pátio da escola; a algazarra e doçura das crianças: todo dia uma nova (a *mesma*) lição de amor.

*Minha querida devoradora de corações,*

Como se faz para se ter um orgasmo que não seja físico, que seja um penetrar, um fundir místico de corações, um orgasmo de coração explodindo? É assim que eu te amo.

Erotismo: a catapulta para a transcendência do corpo.

A palavra do erotismo é o espírito! O salto.

(Por isso, é bacana saber que uma amiga sua me achou bonito. Tomara que sonhe comigo, que suspire. Tomara que goze pensando em mim. É assim que somos poesia uns para os outros).

*Tigre,*

*Eu sei que não sou, que nunca poderei ser  
o homem da sua vida*

*Então posso ser o homem  
da sua morte?*

*E como é morte, e na morte  
tudo pode*

*serei a mulher da sua morte.*

*Por todo o sempre sua garota.*

*Posso?*

Se o Amor não vem por conta própria – então é preciso buscá-lo.

Sim, a matéria salva.

É como se meu amor, histérico e aflito, não conseguisse assentar-se, colocar-se em algo humilde, feito com afinco, e essa incapacidade criasse agitação e ansiedade. Aprender a amar todas as coisas que se apresentam sem julgamento de valor, doado a cada situação: colocar os dois pés no chão.

Eu não estou escrevendo isso.

Eu não estou sentado nessa sala.

Eu estou aqui

(para vocês),  
mas eu não estou aqui.

O coração é meu órgão sexual.

Quero gozar o tempo todo.

Amor divino: castidade absoluta.

Eu sou o homem e eu sou a mulher.

Toda essa ambigüidade não vai se resolver nunca. A única saída é o salto. O único jeito é saltando para: a Santidade.

Quanto mais **santo** mais no mundo?



[FURNITURE]

Vamos para os Alpes franceses na primavera? Vamos para a França nos tempos medievais? Vamos nos deitar na grama, entre rosas, tendo um castelo ao fundo e suaves nuvens sobre nós?

Eu já vivi bastante. Eu já conheci bastante. Agora é necessário que esse oceano exploda em meu peito. O amor—não mais para fora, mas para dentro.

Mas estou me esforçando muito, profissionalizando meu silêncio. Vejo aquelas mulheres tão compenetradas diante da gôndola do mercado e ao mesmo tempo tão esquivas ao olhar alheio, tenho vontade de dizer a elas—*agora eu também sinto isso*. Como um monge que encontra pela primeira vez aquela passagem secreta no labirinto da abadia. Não digo para ninguém essas coisas, não posso dividir com ninguém.

Todos os anos que Camille Claudel passou no hospício já se passaram (sabe-se lá medidos por qual relógio). Os anos de Hölderlin também já se passaram. Artaud já não existe mais. Tudo passa. Minha vida logo também não será mais nada.

Mas o que não é sempre não é nunca?

(Vejo os rostos sorridentes e ternos dos meus pais acenando o aceno de despedida para seu filho antes de desaparecerem para nunca mais nas trevas)

O meu tempo é uma colcha de retalhos. Em círculos revolvo os meus dias pelos mesmos lugares, os mesmos rostos se acendem e se apagam, vêm e vão, em intervalos—até que um dia deixam de surgir ou são substituídos por outros rostos, outros lugares. Reta-

lhos raramente alinhados, costurados aqui e ali, e para sempre finitos.

*I'm cooking*

Se é verdade que a velhice chega pelas pernas, eu há muito já convivo com ela—latejando.

Ando pelas ruas observando as pessoas, seus traços. Como eram há 20 anos, como serão em 20 anos. O corpo em constante transformação.

Intestinos. O que passa pela mente. O que passa pelo corpo. O sistema digestivo—dejetos, pensamentos, palavras. Quem sou, quem fomos? A memória toda esfarrapada.

A explosão no aqui e agora.

As mulheres lindas da juventude estão ficando velhas, parecidas com suas mães: barrigas, seios e nádegas caídas. Idéias tolas e convencionais. As jovens encantadoras vão ficar assim, também. O mistério se esvazia, o encanto se desfaz.

(Algumas se tornaram mais belas, teria valido a pena esperar por elas—o ouro peneirado entre mica, areia e água).

E isso vale para mim, também: o olhar ferino das mulheres (que eu achava natural, inconsciente do meu charme) já não acontece mais

Sou enfim um corpo neutro  
*outro*

*Did you pay a lot for your furniture?*





Eu não paguei muito pelos meus móveis.  
Eu não paguei nada pelos meus móveis.  
Meus parques móveis são e sempre foram esses cacos doados  
por amigos ocasionais.

Sempre habitei uma tenda.

O que eu gosto mesmo é de habitar uma tenda no deserto.

Nômade.

Meu trabalho é um móvel velho.  
Minha poesia é um móvel.

Descartáveis.

Uma vida descartável.

Tirar-se a vida como se tira uma calça.

Ah, o deserto.

A árvore da vida enraíza-se por dentro.





[RAPINA]

*É a poesia que traz o homem para a terra.*

Tempo estilhaçado.

Maneira de nunca mais pensar:

Passe um dia inteiro numa praia.

Melhor ainda: passe uma semana inteira. Dormindo na areia e comendo dos ambulantes:

*Saiba apodrecer.*

Um dia eu saio de mim mesmo e não volto.

Um dia abandono a casa iluminada.

Ninguém é de ninguém.

Ninguém combina com ninguém.

Tudo está solto.

Mariana é Deus.

Cocaína é Deus.

Não queimaria se não fosse fogo.

Tempo, doce companheiro.

Tempo: o melhor dos amantes.

Nossa conversa foi muito linda. Houve inclusive um momento má-

gico: o telefone quebrou, e ficamos os dois, mudos, cada um do seu lado, pensando que o outro havia se calado.

*A linguagem está estruturada como o tempo, ou o tempo é experimentado de acordo com a linguagem.*

Na noite escura, galopo uma mula no mar de sangue.

Estou apaixonado.

Vou pedir para ela me castrar. Encenar a castração.

O fim do fim.

Leonardo,  
eu quero saber,  
onde está a galinhona gorducha  
que pode me aquecer do frio da loucura.  
Onde?

Agora

Quando pensar, ao invés de prestar atenção nos pensamentos, preste atenção no *espaço* entre eles.

Caia nesse espaço

Até a morte:

Sem fazer nada, farei tudo—e farei qualquer coisa

(pois eu já não sou eu)

Sem fazer nada, farei tudo—e farei qualquer coisa (pois já não sou)



Escrevo para morrer.

Então tá, não sou poeta.

Minha pátria é minha língua.

*Umbela Joeira*

CONVENTO:

Meu reino

*teândrico*

O poeta é um b-urubu.

Bívido.

Eu sou uma pessoa que se esquarteja.





[O OUTRO]

Se todas as pessoas que estão nesses prédios descessem à rua agora seria uma grande confusão, as ruas ficariam entupidas de gente veríamos quantos somos, olharíamos um a um nos olhos

Muitas dessas pessoas devem sentir o que eu sinto esse sentimento de inadequação, esse não-pertencimento

(talvez, todos juntos, num grande abraço da cidade inteira, no meio da rota do planeta pelo universo, num momento diante do sol, nos ajudaria)

Uma amiga diz que é a vista embaçada, não ver

*o seio...*

*Eu não sou escritor. Não sou poeta. Não sou artista. O artista é aquele que se utiliza da linguagem para criar mensagens, conteúdos, novos significados. Eu sou uma pessoa que se utiliza desesperadamente da linguagem para criar-me a mim mesmo, para outorgar conteúdo e significado a mim mesmo. Quando e se alcançar meu objetivo, não precisarei mais escrever. Não sou um poeta, não sou um escritor, não, não sou um artista.*

E às vezes viver é um mar de doçura.

*Vontade de vadiar o dia todo*

Eu sempre quis que uma mulher se apaixonasse por mim

(mulher)

Eu sou alguém que não sabe quem é e tenta se inventar com palavras, fora esse esforço, sou mudo—isso é ser poeta?

*Sou um homem quebrado.  
Talvez de alguma forma mais humano  
Que todos os outros homens, funcionando.*

Eu não sou teu inimigo  
Sou apenas **outro**.

Uma voz tentando dizer alguma coisa.

Na escuridão—ou na luz  
Tão ofuscante que cega—na escuridão.

Alguém tentando nascer.  
Talvez uma menina.

Talvez um menino. Algo de bom  
Algo de gentil. Talvez uma flor...

Para ser cuidada. Poderia ser sua filha  
Poderia ser  
Seu maior sonho de amor.

*A poesia serve para desmascarar.*



[OSSOS]

Eu fazia, fazia e continuava com a sensação de ser nada. Vazio. Enquanto você, sem fazer nada, era. É. Me ensina a ser, assim, já sendo—sem esse constante vir a ser.

Segure o Amor e solte todo o resto.

Solta.

Tudo é perfeito habitando o Amor,

Amor,

*Eu te mando pelo correio um grande coração de chocolate, para você devorar de olhos fechados, como se fosse o meu próprio coração apaixonado.*

*[depois me manda de volta,  
num potinho,  
o resultado do meu amor no seu sistema digestivo]*

eu te amo desta forma ardente porque sei que nosso amor nunca vai se realizar

eu te amo porque você é impossível  
eu te faço impossível para poder te amar

eu gozo no impossível

eu quero o impossível

[eu sou um poeta místico?]

(Fecho os olhos e me deito sob o sol, fora do tempo, sem história ou linguagem)

Meus olhos estão leves, como se flutuassem fora do corpo.

*Sou um homem casto e uma mulher devassa*

Com doçura imagino ser devorado por demônios, enormes insetos cegos com garras, até que só restem os ossos, o esqueleto

ardente

O sol explode no centro do meu *coeur*.

O mago ordenou entoando em língua de mortos

que cortassem meu corpo  
limpassem meus **ossos**

recobrimdo tudo  
com carne nova

Vi o corpo todo em fogo. É preciso incendiar o corpo. Preciso  
explodir no aqui.  
Emergir do lado de lá.

*Como reinventar-se? Como dar nascimento a si mesmo?*

*Não na linguagem, mas no próprio ser?*

O corpo é a linguagem.

Quem inspira e expira em mim agora são meus pés.

## [EQUILIBRISTA]

Agora que vivo a diferença de cultura radicalmente, minha convicção é de que sempre vivemos num sistema de vida muito específico, seja numa cultura, seja noutra, seja entre uma e outra. Poderíamos estar vivendo em outro completamente diferente, mas é esse que impera. Poderíamos ter cinco sexos em vez de dois. Poderíamos ter mais idades de vida ou menos.

É aqui onde eu queria chegar: quanto mais específico se torna o meu saber do mundo, mais levantam-se hipóteses de especificidades totalmente outras e mais aumenta minha convicção da miséria de tal especificidade observada.

O que me espanta é que a maioria acredita no jogo que está jogando, não percebe que se trata de um imenso teatro de um Deus ... nada maléfico, que apenas está nos dando pistas para sair de seu labirinto. Inclusive todos me fornecem pistas para sair do labirinto, todos e tudo. *Mas você é um dos que encontrei que mais tem consciência, contudo, de que tudo isso é um teatro labiríntico ou um labirinto teatral.*

*Quando a gente fica mais madura, fica um pouco horrorizada quando pensa como éramos inseqüentes, como brincamos de **equilibrista** à beira do precipício. Olhando para trás, pensamos: somente nossa inocência pode ter nos salvado do desastre.*

*Como é uma vida nova, receio perdê-la. Receio assustar-me, preocupar-me, angustiar-me, cair em ansiedade—como se para salvar-me eu viesse a botar tudo a perder. Então quero proteger este meu reino interior recém alcançado. Quero protegê-lo e não quero fazer nada, com medo de precipitar-me. Só quero me guiar pelo amor, e dele não quero me afastar—mesmo que pareça que naufragarei contra os rochedos.*

*Não quero ser útil, não quero produzir, quero apenas ser e amar. Apenas amar.*

*A verdade é que sempre aspirei à derrota. Sempre busquei a derrota— flertei com o fracasso; o fracasso sempre me seduziu. O fracasso como método de ascese.*

*Peixe arredio, criatura das profundezas e das madrugadas,  
Conformada com amores apenas prometidos,  
países maravilhosos para não serem visitados,  
vida apenas se for em versos:*

Esta sou eu, por dentro e por fora. Meu querido,

*Durante as noites tenho tido sonhos que revelam o mundo interior, que descolam a identidade do corpo, que me mergulham no que há aquém da linguagem.*

A parte também é infinita, porque o todo é infinito.

(Ao invés de nada, tudo)

*Tem muita visceralidade, uma visão do fenômeno poético vinculada à decomposição escatológica da linguagem.*

Esse é o diário de um suicida.

Eu sou a cor dourada.

Invente um projeto doido para sua vida:

Gigantesco, Insensato.

[FILTROS]

Eu criei uma ilusão, um véu, há muitas camadas de tecido,  
muito filtro, entre eu e a vida.  
Mas uma vida humana não é justamente a experiência desses  
**filtros?**  
A vida—experiência absurda—não é sempre necessariamente  
*mediada?*  
A vida humana só *é* se mediada.

Somos todos vazios,  
Sem existência fixa.

A gente vai sempre *virando*

apenas mais uma vida,  
perdida

ARRISCAR TUDO

Todos os recursos

Concentrar todos os esforços

Lançar tudo fora

Um homem deve dedicar sua vida àquilo pelo qual se esquece

se perde

diante do abismo

pisa

no vazio

Nada tem sentido

Tudo é um fim em si mesmo.  
Derreter no coração todos os sentidos.

Nesta terra não há jardim que não tenha sido construído  
sobre os quintos dos infernos.

A pessoa nunca é em termos absolutos. Nenhum de nós é.  
Somos sempre em termos relativos. Em relação ao outro:  
espelhos uns dos outros. Poderíamos ser qualquer um de nós.

Isso é ser livre?

Toda pessoa que se preze é uma fracassada.

*Na Noruega há um Joe Doe que passa os dias olhando pela janela a  
neve cair, sem vontade de sair de casa. Ele teria coisas para fazer, res-  
ponder emails e telefonemas, o trabalho se acumulando. Eu não me  
importo com isso, não o julgo, não o condeno. Acho que ele tem todo o  
tempo do mundo, o direito a todo esse tempo: não sinto ansiedade, nem  
culpa, não me envolvo. Agora eu sou esse Joe Doe no Rio de Janeiro:*

No meio da tarde, levanto e saio: nada realmente para fazer, apenas  
a atração pela luz e pelo abismo. Apenas o descaso pelo falatório.  
[Essa é a imagem da minha vida].

Mas não saio com a experiência de um vazio interno, um oco. Não é  
para o exílio que saio, e sim para a VIDA. Agora, quando saio, carre-  
go o mundo comigo: sou eu o vivo, são eles os mortos.

[Não. O Amor nos une a todos: somos todos vivos e mortos: *homo  
caritas est*].

[BÚSSOLA]

*De vez em quando, é bom andar na corda bamba.*

*Viver é passar por um intestino.*

As luzes douradas.

Fogaréu azul.

Não dá para fazer mais nada.

Tenho certeza que algo existe em mim. Só não sei se esse algo sou eu.

Sou em essência alguém ou sou apenas um *lugar*, um ponto de confluência de palavras e corpos?

Meu carro parado no acostamento da estrada movimentada me provoca uma angustiante sensação de movimento.

Passo pelas coisas ou são as coisas que passam por mim, me atravessam? Atravesso?

O que em mim é?

*Imagine a Mariana, por exemplo. Ela está lá, agora, sendo a Mariana. Para mim, ela só existe de vez em quando, quando por alguma razão me lembro dela. Para ela, ela existe o tempo todo. Para mim, eu existo o tempo todo. Mas e se eu conseguir existir para mim como a Mariana existe para mim, ou como eu existo para a Mariana: de vez em quando? Então, quando sair da sala, por exemplo, onde sou eu para os outros, e for ao banheiro, no banheiro serei apenas nada, um ser mijante. E se eu*

*fizer desses intervalos minha vida? E se eu alternar sempre sendo e não-sendo? E se eu carregasse o rosto no bolso?*

O desejo é minha **bússola**  
Nosso único norte. O desejo:

Lá onde menos temos controle  
é que somos mais o que somos.

O que em mim prefere  
na cama uma mulher a um homem  
Quando fica com fome, come  
coisas cozidas, digere. O que em mim  
quando corre sente tremer o corpo?

O maior problema da minha vida é que eu desenvolvi o hábito de  
abrir janelas à tarde.

Sempre de olho no extraordinário, sempre caindo pelas brechas do  
calendário, sempre olhando para longe

Eu pareço um balão que está sempre querendo se soltar do chão

Pensei em ir à praia

pensei seriamente em ir à praia

capaz ainda de ir á praia no final da tarde

(não por prazer,  
mas por amor):

*O mar eternamente batendo na praia*





—isso sim é liberdade!:

Na areia, parecia um animal morto,  
uma carcaça  
mas era uma jaca podre.

O coração aberto como uma concha.







[ABGRUND]

Tudo vale a pena

*Tout enfant, j'ai senti dans mon coeur deux sentiments  
contradictaires: l'horreur de la vie et l'extase de la vie.*

*Abyssus infinitudinis*

Imagino usar sempre um hábito azul.

*Caitanya Atman*

Tudo é consciência

*Caitanya Caitanya*

A poesia em chamas

incapaz de explicar sua própria estranheza

[Poesia]

Arrombar a roda da linguagem.

UM DIA EU SILENCIO

नमः



Eu confundo vida e morte?

A morte não é.

Volta: um salto para a terra.

A linguagem são todas as máscaras.  
O silêncio profundo é essa balbúrdia.

Poesia:

*Eu me enlaço com o mundo pelo amor.*

*O prazer aos porcos, eu quero o amor.*

*Tudo o que está acontecendo não está acontecendo comigo.*

*(escrevo no escuro, olhos atentos, sem enxergar nada  
no leito do papel  
sombrias)*

*Abyssus infinitudinis*

A sensação de que todo o meu dia—toda a minha vida—está sendo mastigada, na boca, e depois regurgitada: enfim apta para ser vivida.

como se purificada, humanizada, feita ouro

Em casa, uma coleção de bocas

dentes  
pernas  
olhos

(a coisa mais linda  
são olhos de gente)

ninguém de fato existe—fragmentos

*coletados*

colados por algum tempo, só aparência

o conteúdo é sempre o mesmo

cacos de espelho

o mundo inteiro meu espelho

*eu não sou inteligente.*

*A inteligência é que pousa em mim, pensando.  
O pensamento é que se pensa.*

Sou todas as Consciências.

*Doidivas*

Indivíduo imprudente, estouvado; adoidado, doidelo, girolas.

E agora?

Cala a boca e trabalha.

*[Cala a boca e ama]*



[RE-NATO]

O poder da respiração—entrando e saindo do corpo

*e tive a sensação de que um nó havia se desatado  
em algum ponto profundo do meu corpo*

Depois de completamente esvaziado, sinto-me pouco a pouco  
sendo preenchido, desde os pés.

(Às vezes me sinto sem pé, submerso).

Saia para uma caminhada pelo bairro

*(Como entendo essa língua em que me falam?)*

Observe bem  
As casas dos homens, as ruas da cidade:

*Esta é tua casa.*

O teu espaço, o teu  
É a medida do teu braço.

A tua boca come,  
O teu intestino digere,  
*Agora você é um homem.*

Ah, a dádiva de ser uma pessoa normal entre outras.

Deus veio tocar Rachmaninoff

e tocou pior que Rachmaninoff

(era eu)

A perfeição não é fazer tudo perfeito

*Tudo acontece para o melhor*

Eu era uma menina de 7 anos quando fui estuprada e jogada num poço. Agonizei durante 3 dias e 3 noites antes de morrer. É por isso que vivo meio morto.

Esse ato de violência inaugurou nova vida,  
o caminho de volta.

Hoje amo o assassino sinceramente.

Quando o mundo acaba, a casa se ilumina.

O amor está na respiração profunda.

*Acabei de voltar do supermercado. Comprei um maço de coentro e um de basílico. A mão direita ficou cheirando a coentro, e a esquerda a basílico. Ambos tão vegetais e tão diferentes. E como nos é difícil descrevê-los!*

Uma vida humana é muita coisa—é uma eternidade.

*Não há porque sentir vergonha ou culpa, tudo que desabrocha é a própria alegria, é a própria limpeza.*

No instante sereno  
Em que todas as derrotas se tornam vitórias







[TENTO-CAROLINA]

Quero ser rei e quero servir

Meu Deus, está tudo pegando fogo

É da minha ferida que escorre o meu Amor

Prestar atenção nos vazios, nos imensos vazios que existem entre  
todas as pessoas, os momentos, as palavras, as coisas.  
Praticamente tudo é vazio

Só dias maravilhosos?

*Encantei-me por uma árvore em frente ao templo de Shiva. Era uma árvore comum, mas com extraordinárias pequenas sementes vermelhas que salpicavam o chão. Vivas, lustrosas, rijas. Peguei um punhado e as trouxe para cá; coloquei algumas numa pequena caixa de mármore incrustado de pedras para Lakshmi. No mês passado, caminhando na rua que sobe o morro, encontrei as mesmas sementes! E apenas hoje percebi e comprovei que a árvore no quintal do prédio diante da minha janela (ao lado da mangueira, perto da buganvília) é ela. A menos*

de 10 metros da minha janela, da minha cama.  
Como nascem dentro de cachos espiralados que  
só se abrem no chão, nunca percebi as sementes  
antes. Mas agora, atento, vejo os pontos  
vermelhos entre a folhagem.

bead tree, bois de condori, peacock  
flower-fence, colales, coral bean tree,  
culalis, false wili wili, falso-sândalo,  
kaikes, la'aulopa,  
lera, lerendamu, lopa, metekam, olho-  
de-dragão, paina, pitipitio, pomea, red  
sandalwood tree,  
redbeadtrees, segavé, telengtúngd,  
telentundalel,  
vaivai,  
vaivainivavalangi,  
**tento-carolina**

*O mundo manifesto.*

O amor é uma chama que deve consumir tudo,  
mas em mim sendo facilmente extinguida pelos caminhões  
de areia dos pensamentos e sentimentos cotidianos

desistir do plano, como parte da estratégia;  
*desistir da estratégia*

*Tudo é impuro e belo*

*Tudo é perfeito e imperfeito*

(Senti-me o que sou, sem mais, uma pessoa entre outras, finita e  
autorizada)

Teria a coragem de dizer que não me sinto, freqüentemente, uma  
pessoa?

Viver no limite daquilo que me limita.

(ontem, na festa da Carol, me vi  
novamente tomando atitudes herdadas da minha mãe, e pela  
primeira vez não me senti ridícula e tola, mas me aceitei, aceitando  
assim minha mãe, e, novamente, assim, me aceitando)

deixar de vir a ser para ser—o que sou

todo futuro já aconteceu

*Alço o coração ao alto, os braços abertos—sei que Deus quer me ajudar.*

Eu não quero a redenção; eu já sou redimida,

Vim aprender a amar  
*Ah, olhar transparente!*

*Maravilha das maravilhas*

salva:

*Deleitar-se com a vida*  
*Depois de sacrificá-la*

Amor de perdição



[PESSOA]

A pessoa que olha para si mesma e diz,

Deus, eu preciso sair de mim!

(Eu preciso entrar em mim)

O que se pede?:

Que você brote em mim.

Eu já percebia essas coisas em você desde que nos conhecemos. No que diz respeito aos relacionamentos, você me parecia **ser uma pessoa** que dá um passo a frente e dois para trás. Confesso que isso me dava uma certa vontade (ou impulso) de provocar, uma coisa meio: “quero ver se ele sai do sério...”. Mas não pense que era um jogo ou algo assim, não era nada de caso pensado, só um impulso provocado (sem intenção, creio eu) por aquele seu jeito. E talvez aquele seu jeito nunca tenha realmente mudado. Acho perfeitamente normal querer e não querer. Você pode não querer intimidade, mas pode querer se aproximar de alguém de vez em quando, se sentir atraído e sentir que é capaz de atrair. Você pode não querer morder a maçã e acabar com o caroço nas mãos, mas pode querer ter maçãs por perto às vezes, cheirar, apreciar e até dar uma mordidinha. Por que não?

Acordo no meio da noite gritando  
minha vida está acabando!

*Preso no corpo, no corredor do tempo, um segundo de cada vez—  
a via estreita..*

EU QUERO!

Às vezes me dou conta como minha vida é intrinsecamente inseparável de mim; ou seja, como o que eu sou é a expressão fiel do que sou. Minha vida é a expressão exata do que sou, em traço e pulsão, do que sou em semente e potência. Para libertar-me e viver eu preciso de fato morrer, ou seja, libertar-me do que existe em mim que dá expressão material à minha vida, erradicar o que mais irredutivelmente em mim sou eu. Para enfim brotar em mim: eu sendo, aquilo que se É.

Aqui poderia viver, uma vez que aqui vivo

*Se o tempo passa,  
é porque já passou*

Primeira premonição da Morte:

O homem que eu fui  
E a mulher que eu fui;  
E os homens que eu não fui  
E as mulheres que eu não fui;  
Somam-se agora ao meu corpo.





Nosso assombro é a nossa alegria.

(O que está vivo, está morto)

Deus é doido

(E todos eles ressuscitaram e retornaram às suas vidas)

O espírito deve se apossar do corpo e fazer dele um corpo divino—  
um corpo de ouro.

*O Amor é dentro e fora; no interior e ao redor do corpo*

Quando sou AMOR estou na ETERNIDADE

*A distância mais potente de queda*





[HOSANA]

*Meu sexo se tornou uma rosa amarela  
ereta e desabrochada*

*o seu uma vermelha?*

Podemos viver sem o corpo  
apenas mente  
e sua matéria rara?

Qual a distância correta?

*euforia e desamparo*

Amamos melhor quando amamos em *Presença?*

*Asa-palavra*

Esse é um poema fora de órbita

Stella do Patrocínio:

*Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo*

Eu quero sempre, em suspenso

—Poucos meses de namoro. Para mim, não era sério; nunca era. Eu gostava dela, mas... para mim era um rolo. Ela sabia que eu já havia estado com homens. Não tinha se importado. Daí ela propôs.

—Eu sou de escorpião. Não nego: tenho inveja do pau. Sempre quis ser homem. Sou feminina, me cuido, me visto. Tenho vaidade. Mas sou decidida, sei o que quero.

—Eu nunca soube o que quero. Numa noite, depois de uma festa, ela propôs. Tive medo. Achei que depois ela ia sentir nojo de mim. Perguntei.

—Claro que não sentiria. Não; pelo contrário. Meu coração bateu forte. Ele estava se oferecendo para mim. Me senti grata.

—Foi improvisado. Demorou. Foi ótimo. A gente ama quem nos dá prazer, não é mesmo? Sentimos muito amor mesmo.

—Dormimos abraçados. Ela como se fosse homem.

—Depois mandamos fazer um consolo preso num cinto. Sob medida. Perdi a vergonha, e daí? Sempre soube o que quero. Tem vez que ando com isso o dia inteiro.



—*Já anos de casados. Duas filhas. Feitas  
com prazer, a gente varia.*

—*Agente vai levando. Negociando. Dando  
um jeito. A vida é assim.*

Quem quer se casar comigo?

Deus, quer se casar comigo?

Estrela

Eu-sou

Eu-posso

*Flamirromper*

*Florchamejar*

*Borboleta-girassol*

*Luz-delírio*

Oh, Goethe!



[Abelhas] e [Oceano] foram publicados na revista *.doc* - número 4, abril 2006: [http://www.eduardoguerreirolosso.com/revista/pontodoc\\_4.htm](http://www.eduardoguerreirolosso.com/revista/pontodoc_4.htm)

Fragmentos de [Rapina], [Azul], [Equilibrista] e [Hosana] foram musicados e transformados em vídeos pelos DJ Machintal e VJ Tatavo e grafitados por artistas dos coletivos Nação Grafite e Coletivo TPM no evento GRAP (grafite+rap+poesia) na Galeria Severo 172 no dia 7 de novembro 2006. As obras ficaram em exposição na galeria.

Fragmentos de [Rapina] e [Azul] foram reproduzidos em cadernos artesanais produzidos e comercializados por Mariana Roquette-Pinto

[O dia], [Azul] e [Beija-flor] foram publicados na antologia “Meu bem eu li a Barsa” para o Evento multimídia Contemporâneo 2006. Oi Futuro, Rio de Janeiro. 19 a 22 de dezembro 2006

[Oceano] foi publicado na revista *Azougue* (saque/dádiva), janeiro 2007

[Bússola] integrou a participação do Canal Contemporâneo no projeto *Documenta magazines* (<http://www.canalcontemporaneo.art.br/documenta12magazines/>) em torno do tema 2 da Documenta de Kassel de 2007: o que é a vida crua?

Fragmentos de [Azul] e outros poemas foram lidos no evento CEP 20.000 no Circo Voador, Rio de Janeiro 04/04/2007

[Rapina], [Ossos] e [Abgrund] foram publicados sob o título de नमः na revista *Confraria*, n. 17 dez. 2007, ao lado de vários desenhos do autor. <http://www.confrariadovento.com/revista/numero17/index.htm>

[Furniture] e [Tento-Carolina] foram lidos no evento “Geologia para poetas II”, na casa da Ciência da UFRJ, 30/10/2007

Vários fragmentos de *Noiva* fazem parte integrante do ensaio “Apon-tamentos sobre ser, ou *To be & not to be*”. Infinitivos contemporâneos (ed.: Francisco Bosco). Revista Cultura Brasileira Contemporânea. Ano 2, número 2, dezembro de 2007. Fundação Biblioteca Nacional.



## [SOBRE O AUTOR]

Nascido em 1964, Renato Rezende é autor, entre outros, de *Aura* (2AB, 1997), *Passeio* (Record, 2001), com o qual recebeu a Bolsa da Fundação Biblioteca Nacional para obra em formação, e *Ímpar* (Lamparina, 2005), ganhador do Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional. Vive no Rio de Janeiro.

A escrita deste livro eclodiu em meio ao afeto de dulcíssimas amizades que o ampararam em sua aventura dilacerada. Sem esse afeto este livro não existiria—literalmente—uma vez que os poemas são constituídos e penetrados por falas, emails, dizeres e gestos de tantas pessoas. A lista é longa, e sempre insuficiente. Meus mais gentis agradecimentos a Alberto Pucheu, Ângela Pecego, Beatriz Bastos, Brígida Baltar, Caio Meira, Carlos Tamm, Carmen Molinari, Claudia Roquette-Pinto, Cláudio de Oliveira, Eduardo Guerreiro, Elisabeth Maggio, Francisco Bosco, Guilherme Zarvos, Maria João Cantinho, Mariana Ianelli, Michel Melamed, Paulo Henriques Britto, Pedro Cesarino, Renata Rezende, Roberto Corrêa dos Santos, Sandhya Farah, Sergio Cohn, Stefania Fernandes, Vânia Vidal e tantos outros. Os poemas de *Noiva* são um pouco de cada um de nós, e de todos nós juntos. Desta forma, ele pode ser compreendido como um livro de *fol amour* por todas as coisas e por todos os seres, o que inclui você, leitor. Somos todos noiva e noivos, noivo e noivas.

[www.renato-rezende.com](http://www.renato-rezende.com)  
[renato@renato-rezende.com](mailto:renato@renato-rezende.com)

